

Marcas de monitoramento na enunciação da linguagem da criança

Markers in monitoring in the enunciation of child language

Marlete Sandra Diedrich
Universidade de Passo Fundo

Resumo: O propósito deste texto é, na perspectiva epistemológica da Teoria da Enunciação, discutir a forma como a criança se constitui como sujeito do seu discurso. Para tanto, focalizamos nosso interesse nas marcas de monitoramento do discurso infantil, capazes de revelar a singularidade de cada enunciação produzida pela criança sujeito da pesquisa. Percebemos, com nossa análise, que tais marcas apontam para a tentativa de o falante controlar o seu dizer em função das características presentes e decorrentes do aqui-agora do ato enunciativo.

Palavras-chave: Enunciação. Discurso oral. Monitoramento.

Abstract: The purpose of this text is, from the epistemology perspective of Conversational Analysis, to discuss the way the child constitutes herself as a subject of his discourse. Thus, we focus our interest in the marks for monitoring children's speech, able to reveal the singularity of each enunciation produced by the child-subject. We realize with our analysis, that such marks indicate the speaker trying to control your say on the basis of these characteristics, resulting from the here and now of the speech act.

Keywords: Enunciation. Oral discourse. Child.

Introdução

Os estudos acerca da língua falada há muito despertam nosso interesse enquanto pesquisador na área da Linguística. Analisar a constituição do discurso falado sempre esteve no centro de nossa investigação. Ao estudar mais detalhadamente a enunciação, a partir da Teoria da Enunciação, de Émile Benveniste, passamos a nos perguntar: o aqui-agora do discurso falado se encarrega de gerar discurso uma singularidade que o diferencia dos demais discursos? Que marcas podem ser descritas como próprias e específicas da enunciação falada?

De posse dessa fundamentação, debruçamo-nos sobre a grande questão que norteia nossa investigação: se há características próprias do discurso falado, como a criança as produz em seu processo de enunciação? Perguntamos isso porque cremos na singularidade do ato enunciativo e, portanto, pensamos ser possível descrever como essa singularidade se revela no discurso oral da criança. Ou seja, como as marcas do oral se singularizam nas enunciações da criança com seus interlocutores?

Para responder a esta pergunta, optamos por investigar as marcas de monitoramento presentes nesse discurso, uma vez que vemos em tais marcas uma tentativa de o falante controlar o seu dizer em função das características presentes e decorrentes do aqui-agora do ato enunciativo. Assim, neste artigo, apresentamos algumas considerações, assumidas como preliminares, em nossa pesquisa, mas capazes de provocar reflexões que julgamos importantes acerca da enunciação do discurso oral da criança.

Organizamos nosso trabalho da seguinte forma: sentimos a necessidade, inicialmente, de definir os conceitos de discurso oral e de monitoramento desse discurso. Para isso, partimos dos estudos acerca da língua falada tal qual eles se apresentam no viés da Análise da Conversação (AC). Por esse viés, conseguimos definir língua falada, discurso falado e marcas de monitoramento do discurso falado. Na sequência, buscamos na Teoria da Enunciação, mais precisamente, nos trabalhos desenvolvidos por Benveniste, especialmente nas ideias apresentadas em *Aparelho formal da enunciação*, publicado originalmente em 1970 (BENVENISTE, 1989, p. 81), os princípios norteadores de nossa investigação, definindo enunciação, subjetividade e intersubjetividade. Por fim, apresentamos a análise do discurso produzido pela criança sujeito de nossa pesquisa, objetivando refletir acerca da singularidade enunciativa marcada pelo monitoramento do discurso oral para, a partir disso, tecermos nossas considerações finais.

1 A língua falada e o monitoramento do discurso falado

Para a AC, a língua falada refere o uso da língua na atividade da fala, envolvendo principalmente:

- 1 formulação *ad hoc* livre, sem preparação detalhada anterior;
- 2 fala numa situação face a face;
- 3 fala em situações naturais .

Segundo esta concepção, a oralidade é uma prática social e a fala uma modalidade de uso da língua. Mas o que há de singular nessa produção discursiva? Sabemos que os falantes deixam marcas no trabalho da produção discursiva específicas da fala, eis aí uma singularidade do discurso falado em relação ao escrito. Se os falantes é que deixam essas marcas, há aí também um eu que se marca. Esse processo está intensamente atrelado ao aqui-agora da produção discursiva. Vejamos: as marcas deixadas pelos falantes recebem o nome genérico de marcadores. Isso porque sinalizam ou anunciam determinada estratégia adotada na sequência da construção conversacional.

A fala, portanto, é resultado de atividades de produção discursiva. A verbalização é a atividade fundamental, uma vez que ela sempre ocorre quando um enunciado linguístico é produzido. Segundo Gulich e Ktoschi (1995, p. 30), consiste no próprio fato de traduzir linguisticamente as intenções de fala dos falantes. Esse processo é fortemente caracterizado pelos “problemas” a que é suscetível, os quais se manifestam por traços linguísticos explícitos, os marcadores. Estes assinalam as constantes interrupções do fluxo formulativo, atribuídas ao fato de o falante, em busca de uma alternativa de formulação, não a encontrar de forma imediata. Trata-se de problemas prospectivos, ou seja, o falante deles se dá conta antes de os verbalizar.

Já as atividades de tratamento remetem a enunciados anteriores, por meio de novos enunciados, os quais, de alguma forma, repetem, parafraseiam, corrigem, exemplificam, expandem, resumem aqueles. Ao contrário dos procedimentos de verbalização, buscam resolver problemas retrospectivos, ou seja, buscam dar um tratamento linguístico discursivo a segmentos já formalmente instalados no texto conversacional.

Há também as atividades de qualificação, de caráter metadiscursivo. São empregadas pelos falantes para avaliar ou comentar expressões ou sequências de expressões usadas na construção do texto conversacional.

Tanto os procedimentos de verbalização quanto as atividades de tratamento e qualificação denunciam o processo de monitoramento do discurso falado, o qual decorre de uma das características da língua falada, o planejamento local, que leva à tomada de decisões no curso da construção do discurso. No diálogo simétrico, a presença do(s) outro(s) interlocutor(es) torna essa característica ainda mais evidente, e leva a um acompanhamento contínuo da própria fala e da fala e das atitudes dos demais interlocutores.

Assim, a fiscalização de nossas palavras e da fala dos outros interlocutores constitui uma constante e se marca por meio de sinais linguísticos (*né?*, *não é?*, *certo?*, *entendem?*) que não estão ligados ao desenvolvimento do tópico, mas são empregados com o sentido de testar a reação dos ouvintes. Esse procedimento aponta

para a singularidade do ato enunciativo, no qual as escolhas linguísticas são altamente influenciadas pelo espaço e tempo da enunciação. Em nossa pesquisa, este aspecto está atrelado ao caráter subjetivo constitutivo da enunciação. Por isso, focalizamos nosso estudo no automonitoramento do falante. Neste caso, o falante tem clareza de sua posição enunciativa e do caráter intersubjetivo da sua enunciação. Por esse motivo, ele busca monitorar a própria fala, com a finalidade de garantir a clareza e a precisão de sua formulação, tendo em vista o seu interlocutor e ou interlocutores. Essa busca provoca, no enunciado produzido, marcas linguísticas a partir das quais procuramos investigar o processo enunciativo como um todo, lembrando o que Hilgert afirma acerca da enunciação do texto falado: “Texto falado para os propósitos da análise da conversação é aquele no qual vêm projetadas as marcas do *aqui* e *agora* de sua produção.” (HILGERT, 2007, p. 70).

Isso tudo implica mecanismos gerais – vinculados à natureza da produção de sentidos da enunciação oral, mas também implica mecanismos particulares, vinculados ao sujeito que se enuncia em um aqui e agora, instanciando um dizer que jamais se repete identicamente. Esses mecanismos particulares constituem o nosso objeto de interesse na enunciação falada da criança.

2 A enunciação

A noção de enunciação, em nosso trabalho, filia-se à corrente benvenistiana: “A enunciação é este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.” (BENVENISTE, 1989, p. 82). Trata-se, portanto, de um ato, constituído de um locutor que fala a um interlocutor e, em função disso, mobiliza a língua por sua conta.

A conversão individual da língua em discurso está intimamente relacionada aos interesses deste artigo, uma vez que este procura dar conta da semantização da língua e, a nossos olhos, a enunciação não pode ser desvinculada da construção do sentido. Logo, sempre que abordarmos aspectos enunciativos, focalizaremos a conversão individual da língua em discurso.

O interesse pelas formas sempre esteve presente na obra de Benveniste, e encontra-se reconhecido em “O aparelho formal da enunciação”, trabalho que desenvolveu com o intuito de descrever, no interior da língua, “os caracteres formais da enunciação a partir da manipulação individual que ela atualiza” (BENVENISTE, 1989, p. 81).

Assim, o autor reconhece na enunciação o ato individual de utilização do sistema, o que garante espaço para a instância discursiva em seus estudos. Nessa teoria, o locutor é entendido como condição necessária da enunciação, uma vez que, como uso individual da língua, o ato enunciativo ela só ocorrerá quando o locutor assim decidir. Sem locutor, não há enunciação. Nesse processo, o sujeito recorre às diversas possibilidades que a língua enquanto sistema estruturado de formas lhe

oferece e enuncia sua posição de locutor por meio de índices específicos e de procedimentos acessórios.

A introdução do locutor na sua própria fala, portanto, é um dado constitutivo da enunciação. E sua presença na enunciação torna cada instância do discurso um centro de referência interno. Dessa forma, o locutor relaciona-se com sua enunciação. Esta questão é central em nossa investigação: discutir e explicitar mecanismos que marcam esta relação constitui nosso interesse.

Por meio da apropriação e manipulação do aparelho formal da enunciação, o locutor é capaz de realizar o ato enunciativo em si e se marcar no discurso. É a subjetividade afetando o sistema formal da língua, ideia central no trabalho que pretendemos desenvolver, já que nossa investigação se volta para as formas linguísticas capazes de marcar a inserção do sujeito que enuncia e seu esforço de negociação com a própria enunciação, revelado nas marcas de monitoramento do seu discurso.

Assim, a noção de subjetividade se faz presente em nossa reflexão, definida por Benveniste como “a capacidade do locutor para se propor como *sujeito*”. (BENVENISTE, 2005, p. 286). Assim, encontramos inscritos na língua não apenas o sujeito da enunciação, mas também sua relação com o OUTRO, caracterizando, dessa forma, o que entendemos por intersubjetividade, a qual, na visão do autor, é constitutiva da linguagem. Portanto, como forma de discurso, a enunciação dispõe de duas figuras na posição de parceiros, os quais são alternadamente protagonistas da enunciação.

Silva (2009, p. 164) retoma esses conceitos benvenistianos no intuito de investigar a aquisição da linguagem à luz de princípios enunciativos. Com esse objetivo, a autora afirma que a intersubjetividade, no discurso da criança, marca a relação adulto/criança, uma vez que a criança já nasce num mundo simbolicamente organizado, o qual lhe é apresentado pela linguagem do adulto.

E nessa relação faz-se necessário haver uma negociação no que diz respeito à construção do sentido pretendido por meio da enunciação, a qual sempre se caracteriza como singular e irrepetível, já que cada ato enunciativo é único. Dessa forma, somos levados, a partir das leituras realizadas, a crer que as atividades de reformulação, como a paráfrase, a correção e a repetição, assim como os recursos metaenunciativos, por meio dos quais o sujeito comenta seu dizer, são motivados por essa relação intersubjetiva que caracteriza cada ato enunciativo. Em outras palavras, podemos dizer que o sujeito é levado a monitorar o uso de uma determinada forma linguística presente em seu discurso ou mesmo no discurso do outro, porque quer marcar-se nesse discurso como EU, entretanto, para lograr gozo em seu empreendimento, precisa levar em conta a relação com o OUTRO, com o TU, destinatário de toda a sua enunciação. Para tanto, nessa relação, estão implicados valores culturais, conhecimentos linguísticos que acabam por “atravessar” a enunciação, também constituindo-a.

3 Marcas de monitoramento na enunciação da criança

Como o discurso do qual nos ocupamos é o produzido pela criança, procuramos descrever a singularidade deste discurso, respondendo às seguintes questões:

- Como os modos de dizer do outro constituem o dizer da criança?
- Como as marcas do oral se singularizam nas enunciações da criança com seus interlocutores?
- Que fatores do aqui – agora da enunciação determinam essas ocorrências?

Nosso trabalho não faz uma descrição longitudinal da linguagem da criança, porque nossa investigação não se encontra no escopo da aquisição da linguagem, mas nos limites da enunciação. Assim, o que desperta nosso interesse investigativo é a singularidade do discurso da criança. Por essa razão, ocupamo-nos do discurso produzido por uma criança de 3 anos. Coletamos suas falas pelo período de 6 meses, com coletas semanais, sem a preocupação da regularidade temporal.

3.1 O *corpus*

As falas das quais nos ocupamos foram produzidas por M., uma menina que frequenta escola de Educação infantil e tem um desenvolvimento considerado normal para os padrões de sua faixa etária. Acompanhamos suas falas dos 3 anos e 2 meses até 3 anos e 8 meses, com o objetivo de coletar material suficiente para fazermos afirmações acerca dos processos de monitoramento na enunciação do seu discurso falado. M., nas falas analisadas, interage com diferentes interlocutores, sendo a maioria deles familiares ou a pesquisadora, amiga da família. Entre os familiares, destaca-se a interação com T., seu irmão gêmeo, interlocutor com o qual passa a maior parte do dia envolvida em brincadeiras.

Não temos aqui a pretensão de apresentar uma análise completa do *corpus* coletado, mas, a partir de algumas amostragens, discutimos o objeto de estudo de nossa investigação. Para isso, apresentamos algumas situações de fala e a enunciação nelas produzida, a fim de buscar as marcas de monitoramento do discurso, lembrando o que afirma Hilgert (2007): o ato de enunciar só pode ser objeto de análise na medida em que ela se mostra, por meio de seus traços, no enunciado. Por essa razão, partimos da análise dessas marcas para discutirmos o processo de enunciação da linguagem infantil.

Situação 1

M. caminha do quiosque, onde conversava com o pai, para a cozinha, onde

se encontra a mãe. Ao chegar à cozinha, diz para a mãe:

M. *mãe o pai disse/o pai deixou eu assistir o filme do homenzinho torto*

Basicamente, o que chama nossa atenção neste segmento é o fato de haver uma marca de automonitoramento revelada pela atividade de tratamento entendida aqui como correção. Segundo Barros (1993), a correção anula parcial ou totalmente a informação veiculada pelo enunciado de origem. Neste caso, M. reformula o enunciado, substituindo o verbo “disse”, marca do discurso indireto, pelo verbo “deixou”, representativo da ação do pai. Na situação enunciativa em questão, e portanto, extremamente singular, temos o que, para Benveniste, marca a intersubjetividade, processo constitutivo da enunciação: na busca de se construir sentido por meio do discurso, o sujeito criança se apropria do sistema simbólico pré-existente que é a língua, tal qual concebida pelo outro, o falante adulto. Assim, faz-se necessário que M. negocie, nessa relação, o sentido pretendido. Na verdade, o verbo “deixou” se encarrega de autorizar a realização da ação pretendida: assistir ao filme, ao contrário do verbo “disse”, o qual apenas faz referência ao dizer de um outro, num outro ato enunciativo. M. percebe isso e por essa razão reformula o enunciado já produzido no ato enunciativo, o que denota o monitoramento do próprio discurso em função de seus objetivos na construção do sentido pretendido frente ao OUTRO da enunciação.

Situação 2

M. conversa com B., seu amigo de 7 anos, sobre seus brinquedos:

M. Bernardo eu vou pegá a geladeirinha
aquela aquela

B. então pega pra nós fazê um suco

M., enquanto EU do ato enunciativo, revela um esforço em solucionar um problema de formulação que surge no decorrer da formulação de sua proposta comunicativa a ser apresentada ao OUTRO da enunciação: procura especificar o termo nominalizador “geladeirinha” por meio de uma atividade de tratamento expressa na expressão repetida “aquela”, na busca de garantir a intercompreensão. Nesse processo conjunto e intersubjetivo de garantir a compreensão de seus enunciados, os interlocutores vivenciam o que Antos (1992 apud HILGERT, 2007) chama de *problema de formulação*. Segundo o autor, problema de formulação representará o que ocorre sempre que, no processo de formulação textual, o enunciador não encontra uma alternativa de formulação imediata e definitiva. Problemas de compreensão são inerentes à fala. Segundo Hilgert (2007, p. 74), decorrem tanto das condições específicas das interações face a face, quanto do simples fato de os interlocutores serem pessoas diferentes, com experiências e pontos

de vista diferentes em relação aos temas que abordam.

No caso específico da situação 2, trata-se de um investimento enunciativo na atividade de referenciação: o objeto referenciado não se encontrava presente no aqui-agora da enunciação, precisava, portanto, ser recuperado em outro espaço e em outro tempo. A repetição da expressão pronominal “aquela” marca uma tentativa de especificidade da informação, o que aponta novamente para a intersubjetividade como motivadora do automonitoramento. Há uma tentativa marcada linguisticamente no enunciado de tornar o sentido pretendido compreensível no ato enunciativo: trata-se do monitoramento do discurso se marcando no enunciado e apontando para a relação com o OUTRO.

Situação 3

M. conversa com B. e diz:

M. vem cá Bruno vem cá brincá

B. não se move do lugar e diz:

B. meu nome não é Bruno

M. responde:

M. Gustavo?

A mãe então intervém:

Mãe O nome dele é Bernardo, filha.

M. vem cá Bernardo brincá

A relação EU-TU encontra destaque nesta cena enunciativa, uma vez que M. não lembra o nome do amigo, mas quer direcionar sua enunciação a ele por meio do vocativo. Em função disso, escolhe no paradigma linguístico que domina – nomes de meninos – primeiramente “Bruno”. Entretanto, não consegue estabelecer o diálogo pretendido, uma vez que B. se recusa a aceitar o vocativo a ele direcionado. Percebendo esta atitude do outro, M. reformula parte do enunciado no qual se destaca o vocativo, substituindo “Bruno” por “Gustavo”. Entretanto, ainda está equivocada, o que leva a mãe a se enunciar na cena fazendo uma correção direta ao conteúdo enunciado por M. Esta correção motiva M. a construir nova reformulação, agora do enunciado como um todo, numa clara retomada de sua primeira proposição: “vem cá Bruno vem brincá”.

Fato semelhante ocorre na situação apresentada a seguir:

Situação 4

M. quer visitar o amigo B. A mãe esclarece a ela que antes precisam dormir. M., entretanto, parece não querer dormir e diz à mãe:

M me leva no Bernardo no Bernardoinho

M., na tentativa de convencer a mãe a levá-la à casa do amigo, recorre a um elemento linguístico com um propósito específico: alterar não apenas a referência da palavra “Bernardo”, mas toda a enunciação, ou seja, mobilizar a língua, no caso, o elemento “inho”, veiculador de um referente afetivo, no intuito de atingir o outro do ato enunciativo.

Acreditamos que com a análise dessas quatro situações enunciativas conseguimos refletir acerca de fatores importantes da enunciação da criança, marcados pelo processo de monitoramento. Certamente, com a continuidade de nossa pesquisa, novos elementos serão revelados e poderemos testar os aspectos aqui apontados.

4 Considerações finais

Chegamos ao fim deste artigo, marcado pela ideia de que a compreensão representa uma busca incessante no processo de construção e de negociação de sentidos e propósitos na comunicação. Os problemas de compreensão, assim, são elementos constitutivos dessa busca. E as marcas linguísticas denunciadoras do automonitoramento do discurso apontam para a tentativa de o falante sanar tais problemas e garantir a intercompreensão. No caso do discurso produzido pela criança, somos levados a crer, em especial, a partir das situações analisadas, que ele aponta para um sujeito que ocupa o seu lugar no aparelho formal da enunciação em relação ao outro, com plena consciência do que isso representa em termos de escolhas linguísticas, as quais são constantemente monitoradas em função do grau de presença atribuído a este outro, tema abordado por Benveniste (1989, p. 84). Assim, cremos ser possível afirmar que as marcas de monitoramento do discurso oral da criança caracterizam a acentuação da relação discursiva com o seu parceiro, o que, segundo Benveniste (p. 87), é constitutivo da estrutura do diálogo.

Concluimos este artigo, mas lembramos que nossa pesquisa ainda está em andamento e muitos aspectos decorrentes da investigação da enunciação infantil ainda estão por serem explorados. O que apresentamos aqui, sem dúvida, representa ideias bastante preliminares em torno da questão, porém já capazes de apontar alguns caminhos que pretendemos percorrer em nossa pesquisa. Como se trata de um estudo acerca da singularidade do ato enunciativo, cremos que cada enunciação representa a possibilidade de novas descobertas. A criança, nesse contexto, configura-se com um sujeito em construção no próprio discurso, conforme atestaram as situações enunciativas analisadas neste artigo.

Referências

- BARROS, Diana L. P. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (Org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FLCH/USP, 1993. p. 129-156.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral II*. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.
- GÜLICH, Elisabeth; KOTSCHI, Thomas. Discourse production in oral communication. In.: QUASTHOFF, Uta M. *Aspects of oral communication*. Berlim/Nova Iorque: Walter de Gruyter, 1995. p. 30-66.
- HILGERT, José Gaston. *A paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo*. 1989. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1989.
- HILGERT, José Gaston. O monitoramento de problemas de compreensão na construção do texto falado. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, SP, v. 44, jan/jun 2003.
- HILGERT, José Gaston. Língua falada e enunciação. *Calidoscópio*, São Leopoldo, vol. 5, n. 2, maio/ago. 2007.
- SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem – enunciação e aquisição*. Campinas, SP: Pontes, 2009.

Recebido em 31 de julho de 2011.

Aceito em 22 de junho de 2012.

MARLETE SANDRA DIEDRICH

Mestre em Linguística pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS), professora de Linguística no curso de Letras Universidade de Passo Fundo (UPF-RS). E-mail: marlete@upf.br.